O Commendador João Gabriel

A origem do nome Acre

SOARES BULCÃO

— "Foi, então, que o arrojado aventureiro escreveu ao seu correspondente, aviador, uma carta avizando-o da exploração, e, ao mesmo tempo, lhe pedia um carregamento de mercadorias que deviam ser destinadas—caso o vapor podesse até lá chegar — á Bocca do rio Aquiry.

Essa carta — como facilmente se deve prever — não era propriamente escripta — era garatujada!

Homem rude, do povo, sem nenhuma instrucção, ja era muito que podesse garatujar uma carta!

No escriptorio de Belem, o empregado da correspondencia passou, por certo, um bom quarto de hora a decifrar os hiéroglyphos e misterios orthographicos da missiva commercial. Comprehendeu-lhe, afinal, a significação, destrinçou-lhe o sentido e communicou ao chefe da casa os desejos e pedidos do aviado do Purús — João Gabriel.

Um vocabulo, porem, da carta ficou sem significação — era o nome do rio. E como era preciso que seguissem as mercadorias, ficou decidido que o tal nome indecifravel ficaria sendo, condicionalmente, "A Bocca do Rio Acre".

("O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará") **JOSE' CARVALHO.**

— "Com a attitude desassombrada do Commendador João Gabriel, o Commandante Carepa mantinha-se sem trocar palavra, e ao ser posto em terra o ultimo volume, já o "Anajaz" estava ajustado para descer, de sorte que foi ás pressas que o commendador escreveu ao Visconde de Santo Elias, e apezar de ter boa letra, taes garatujas imprimiu que a sua carta, no escriptorio do Pará, passando de mão em mão, para se verificar o nome do lugar, foi decifrado — **Acre** e o rio **Aquiry** passou a ser mesmo **Acre.**

"O Acre e os seus heroes" pag.35.

NAPOLEAO RIBEIRO

José Carvalho, o illustre folk-lorista conterraneo, no seu interessante livro "O matuto cearense e o caboclo do Pará", que só agora tive o prazer de ler, reedita ás pags. 147, com pequenas modificações, um seu artigo sob aquella sub-epigrafe, já publicado em 1917, no numero 2416 do "Unitario", de João Brigido, o qual já eu conhecia, lido naquelle tempo, quando ainda me não preoccupavam os estudos de historia e genealogia, a que me tenho entregue ultimamente.

Tradiccionalista emerito como é o illustre auctor do livro, escrevendo **folk lore,** assumpto que não demanda documentação, é natural que se restrinja a reproduzir e divulgar, com a simplicidade e clareza do seu estylo despretencioso, o que lhe trazem a tradição oral e as informações, mais ou menos fantasiadas, que lhe são transmittidas, com minuncias e episodios interessantes, mas sem a autenticidade das provas, ou a preoccupação de chronologia, elementos essenciaes para o estudo da historia.

Dahi certas lacunas que se encontram em alguns de seus escriptos, enfeixados naquelle livro, especialmente neste, a que ora me refiro, e do qual, com a permissão que lhe peço, desejo tratar com os elementos historicos de que disponho.

O assumpto, especialmente a parte referente á pessôa de João Gabriel, muito me interessa particularmente, por ser elle meu conterraneo, e caber-lhe a primazia de ter sido o primeiro cearense emigrado para o interior do Amazonas, e o iniciador das correntes emigratorias que se succederam, desde as grandes seccas de 1845 e 1877, para aquella provincia.

Delle, pois, vou tratar com mais minunciosidade, pedindo, desde já, um pouco de longanimidade aos leitores, visto que o assumpto, sendo de pouco interesse para o publico, exige, entretanto, prolixidade e documentação.

João Gabriel de Carvalho e Mello, que nasceu em 1820, era filho de José Gabriel de Mello e Roza Maria de Jesus, casados em janeiro de 1816, aquelle filho de Aleixo Celso de Moura e Francisca Antonia da Palma, e esta filha de João Vidal de Carvalho e Barbara Maria da Conceição.

Casou elle em 1843 com sua prima Mariana Paz de Avila, nascida em janeiro de 1824, filha de Antonio Paz de Avila e Jacintha Maria de Jesus, casados em janeiro de 1808; elle filho de Lourenço Paz de Avila e Josefa Maria e ella filha daquelles João Vidal e Bárbara; portanto, irmã de Roza.

Eram, assim, primos legitimos.

Familia numerosissima, toda residente na serra de Uruburetama, especialmente na região do sitio Mundahú, com fazendas no Aracaty-assú, onde invernavam e exploravam a pecuaria em pequena escala, mas com certa independencia.

Os paes de João Gabriel tiveram 12 filhos e os de Mariana Paz, sua mulher, 11; os avós, Aleixo Celso de Moura 5, e João Vidal de Carvalho 12, todos casados e com geração.

Era, portanto, uma verdadeira tribu, entrelaçada com muitas familias daquella zona.

Depois da secca de 1825, o Ceará não tivera outra calamidade até a epocha do casamento de João Gabriel, (1843) havendo, por isso mesmo, franca prosperidade na provincia; a sua numerosa familia vivia numa relativa abastança, no cultivo da lavoura, nos seus sitios na serra, e da creação, nas suas fazendas no Aracaty-assú.

Em 1844, quando o inverno já fôra escasso, prenunciando a segunda grande secca do seculo, (1844-45) como diz Thomaz Pompeu no seu livro "O Ceará no Centenario" pags. 223 e seguintes, João Gabriel teve o seu primeiro filho — Antonia, nascida a 14 de agosto e baptisada no sitio Mundahú, a 12 de setembro, conforme certidão em meu poder.

O anno seguinte foi de verdadeira calamidade para os cearenses e, como era natural, o sertão ficou deserto; nas serras concentravam-se os que tinham propriedades ali; os sertanejos, porem, procuravam o litoral, onde os recursos eram mais faceis.

Passaram-se, assim, entre provações e desassocego, os annos de 1845 e 1846.

Só em 1847 começaram os prenuncios de inverno, encontrando a população empobrecida e desconfiada.

Nesse anno, em fevereiro, foi que ao casal de João Gabriel chegara o segundo filho — José Mariano, já elle estando em sua fazenda Boqueirão,no Aracaty-assú, onde fora com as primeiras chuvas de janeiro.

Dispondo de poucos recursos, alem da fazendola e do sitio, que ainda conservava, procurou elle comprar de um visinho e parente uma rêz para o resguardo da mulher, que se achava na cama ha 4 dias.

O episodio é autentico, conservado em todos os seus detalhes pela familia. De um irmão de João Gabriel, Francisco de Salles Mello, falecido em maio de 1927, e a quem conheci ainda forte e válido, ouvi-o muitas vezes. Na fazenda do parente fez elle a compra da rêz, mas faltando-lhe uma parte do dinheiro

para o pagamento, talvez mesmo um simples patacão de 2$000 reis, como diz José Carvalho, foi-lhe recusado o credito, e a rêz, que já estava laçada para ser conduzida, foi por elle mesmo solta, com este altivo desabafo: — "Terra em que um homem como eu não tem credito para 2$000 reis, eu não moro". E desappareceu.

Apezar das deligencias da familia, não foi possivel descobrir o rumo que elle tomára, e por fim o tempo foi fazendo esquece-lo.

O anno, entretanto, fora fecundo, como os que o succederam, e a mulher, Dona Mariana Paz, que ficára sob a vigilança e protecção dos parentes, continuou na administração dos seus bens, que prosperaram. Os filhos cresciam naquella rigida educação de trabalho e economia, que se lhe transmudou na velhice em sordida avareza, de que ella deixou uma tradição pouco edificante no seio da propria familia.

João Gabriel chegou ao Maranhão, e no lugar Chapada, onde em pouco tempo comprou um terreno e cultivou um sitio, passou alguns annos sem que delle houvesse a menor noticia no Ceará.

Relacionou-se ali com uma senhora viuva de quem houve dois filhos: — Antonio e José, dos quaes não tenho outra noticia. Coagido pela familia della, exigindo que elle legalisasse a sua situação com o casamento, e não o podendo fazer por ser casado, resolveu ausentar-se, e foi o que fez depois de 6 annos de estadia, deixando aos filhos tudo o que ganhára.

Em São Luiz do Maranhão teve a ventura de encontrar-se com o Tte. Cel. Antonio Rodrigues Pereira Labre, o grande explorador do Baixo Purús, e fundador da cidade da Labrea, que estava de viagem para aquelle rio. Com o credito que este lhe afiançara, comprou um carregamento de fazendas, que conduziu no vapor Rio Negro, chegando a Belem a 17

de setembro de 1854, quando ali grassavam a variola e a febre amarella, o que muito o atemorisou.

Nesse vapor elle devia seguir para a cidade do Rio Negro, (Manáos), onde contava chegar a 10 de outubro seguinte, como elle diz na primeira carta, feita á familia, depois de 7 annos de ausencia, dirigida a seu pae, e datada do Pará.

Transcrevo-a aqui na integra por ser um documento curioso, não só como attestado de que elle não chegou ao Amazonas como indigente, sujeitando-se ali a todas as profissões, como diz Napoleão Ribeiro no seu recente livro "O Acre e os seus heróes", a pag. 23, como tambem para provar a veracidade da sua fugida inesperada e misteriosa, e do tempo decorrido depois della. Pelos seus dizeres vê-se que foi dictada por elle mesmo.

"Meu Amantissimo Pae

Pará 22 de Setembro de 1854.

Primeiro que tudo estimo que Vmce. minha Mãe, e toda nossafamilia estejão logrando saude; e Vmces. me deitem sua abenção.

No dia 17 do corrente aqui cheguei sem novidade. Está ancorado no Porto desta cidade o Vapor Rio Negro, em que devo seguir para a cidade do mesmo nome, Provincia do Amazonas onde pretendo estar até o dia 10 de outubro vindouro. Tenho tido nesta cidade mui má informação do commercio daquella, e se for como me affirmão, logo que desponha as fazendas que levo, voltarei; é muito longe, e são grandes as despesas; só a minha passagem custa 200$000 reis, e por cada conto de reis em fazendas serão nunca menos de 100$000, isto é, vindas do Maranhão, como as minhas.

Não me recommendo ahi a ninguem, porque o curto periodo de 7 annos já gastou a lembrança delles para com este aventureiro; mas eu ainda me lembro

de 8, que são: O Illmo. Sr. José Gabriel de Mello, a Snra. Da. Rosa Maria de Jesus; A snra. Da. Mariana Paz de Avila e Mello, a Illma. Sra. Da. Antonia de Carvalho e Mello, o Sr. meu innocente filho José Mariano de Mello, a Snra. Francisca Antonia da Palma, Antonio Paz de Avila e Jacintha Maria de Jesus; quanto eu não desejo saber as brilhaturas desse Illustre Povo, mas quem quereria se dar ao trabalho, de com a pena na mão estudar os decorridos de um largo periodo para dar noticias a um aventureiro. Ninguem!

V. mcês. roguem a Deus por mim, que com a ajuda do mesmo Deus pretendo dar a vocemecês com que passarem o resto de seus dias.

Adeus meus queridos Pais. Abenção. Acceitem o coração do Obidiente filho João

N. B. Estou bastante aterrado de medo nesta cidade, por haver nella bexiga verdadeira e febre amarella; porem Deus é grande. E' bastente doentio este canto do mundo; hoje, 25 do corrente, fico de saude.

Seu filho João"

A carta não é escripta por elle, mas comprehende-se logo pelas circumstancias que a revestem, que foi dictada em todos os seus periodos.

O N. B. e as assignaturas, porem, são do seu proprio punho, em letra clara e legivel, como se verifica facilmente num simples confronto com a outra, escripta por elle, que adiante transcrevo, cujos originaes tenho em meu poder.

Os annos de 1855 e 56, passou-os João Gabriel no rio Negro, Manáos e suas immediações, fazendo commercio de regatão.

Só em 1857, a 5 de abril, seguiu elle para o rio Purús, que era então uma especie de fim do mundo.

Como attestado autentico da sua acção de con-

quistador naquella região, a começar dessa data, transcrevo aqui a sua 2ª. carta, escripta de proprio punho, a sua mulher.

"Mariana.

Manáos, 8 de Novembro de 1858.

Se a sorte não tem permittido que eu possa chegar aos vossos braços, e adorar os meus tenros filhos, consolar os meus velhos Paes, ao menos quero de quando em quando fazer chegar as tuas mãos estas linhas que são testemunhas de que ainda tens marido, teus filhos pae, e teus sogros filho. Até hoje fico sem novidade, graças a Divina Providencia.

A 5 de abril do anno p. passado segui desta cidade para o rio do Purús, que fica para as partes da Bolivia, e muito no interior da Provencia em que estou, levando commigo 8 contos de reis em fazendas: no dia 7 de Setembro do mesmo anno saltei no Itapá adonde descarreguei o meu Barco, conduzindo para aquelle lugar 40 familias para ali tirarmos os generos seguintes: seringa, salsa, oleo de copahiba, manteiga e outros muitos generos; em fins de Outubro do citado anno fiquei sem ter farinha, e até Maio, deste anno não a pude mais obter, e por essa causa me ficarão 13 contos de reis fiados, trazendo generos apenas para 8 contos, e por este motivo torno agora mesmo para o dito logar a ver se cobro o meu dinheiro; levo apenas 4 contos de reis em generos de primeira necessidade; vou me empregar com todos os meus devedores na seringa, porque está por .... 25$000.

Não sei attribuir qual é a razão de não ter sido mais feliz do anno passado para cá; rogue a Deus por mim, peça aos santos para que me ajudem em cobrar todo o nosso dinheiro e que elles mesmos me farão voltar ao seio dos meus parentes, pois já estou velho e já não posso andar só no mundo. Tenha to-

do cuidado com a nossa filha que pretendo breve ir caza-la, e é com um moço do Maranhão.

Adeus: acceite o amoroso coração rateado com mil abraços e boquinhas entre os meus filhos a quem Deus os abençôe.

Do vosso primo e marido

João Gabriel de Carvalho e Mello

São 11 horas da noite e não sei bem o que estou escrevendo, portanto leia quem souber."

Esta carta dispensa commentarios. E' uma especie de autobiografia, uma chronica autentica do que foi o inicio das incursões naquelle rio, do seu descobrimento e do povoamento dos primeiros seringaes, dessa odysséa gloriosa e dolorida, que é o maior padrão do heroismo cearense.

Documento precioso, cujo autografo possúo, faz honra ao seu autor; pela redação simples e expressiva e pela calligrafia legivel e segura, vê-se logo que não era elle o homem ignorante a quem se quer attribuir a paternidade da creação do nome Acre, deturpação grosseira de Aquiri que a tradicção lhe tem imputado indevidamente.

Tambem é sem fundamento a versão de ter elle aprendido a ler num convento, no Maranhão. Tanto João Gabriel como seus irmãos, que ficaram na Uruburetama, aprenderam ali mesmo, assim como tambem seus cunhados, como provam as suas assignaturas, de proprio punho, em inventarios da epocha, existentes no cartorio de Itapipoca.

Parece que João Gabriel não tinha, até então, nenhuma noticia de sua familia, visto que não faz referencia a morte dos sogros, Jacintha Maria, fallecida a 11 de Janeiro de 1857 e Antonio Paz de Avila, em Agosto de 1858.

Por este motivo foram os seus herdeiros intimados a dar bens a inventario, sob a allegação de haver orfãos: — os filhos de João Gabriel, "ausente ha mais de 10 annos, sem noticias."

Em vista, porem da apresentação daquellas cartas, atraz transcriptas, foi suspenso esse inventario por sentença de 23 de Julho de 1858.

Voltando á carta de João Gabriel quero referir-me áquellas 40 familias localisadas por elle, nesse anno de 1857, no Itapá, sua primeira collocação, nas proximidades da foz do rio Purús. Eram ellas compostas de maranhenses e cearenses residentes no Maranhão, emigrados desde a secca de 1845.

Só em 1862 alcançou elle o Berury, seringal que explorou, acima da Bocca do Purús, a 138 milhas de Manáos.

Confirmando-o ha no Relatorio do Presidente do Amazonas, Sinval Odorico de Moura, apresentado á Assembléa Provincial, a 25 de Março de 1863, um Annexo de Souza Coutinho, (Breve Noticia sobre a extração da salsa e da seringa) com a seguinte referencia:

"O sr. João Gabriel informou-nos que em Berury encontrára uma pequena plantação de salsa e tem continuado em maior escala" (Rel. do Prov. do Amazonas, Vol. 3 pag. 58).

Nos annos seguintes continou elle suas explorações, Purús acima, até Arimã e Tauariá, onde se localisou definitivamente, e onde viveu o resto de sua vida, mesmo depois de ter chegado alem da confluencia do Acre.

Nenhuma communicação houve mais entre elle e sua familia no Ceará, cujos destinos ignorava completamente.

A 15 de setembro de 1863 casara-se, em S. Francisco de Uruburetama, a sua filha Antonia Paz de Avila, com o seu parente Marciano Araripe Braga

filho de Bernardino de Sena Braga e Maria Francisca, a cujo acto presidiu o padre Rogerio José Cavalcante, vigario daquella Parochia, como consta do assento, ás paginas 31 verso do livro n. 3°, ali archivado.

Só seis annos depois, em 1869, é que voltou João Gabriel ao Ceará. Chegou inesperadamente, sem que delle houvesse a menor noticia.

Desembarcando em Fortaleza, desconhecido e desacompanhado, seguiu logo para Uruburetama. Não tomou o trem, como, por equivoco, diz José Carvalho, por duas razões ponderosas: primeiro, por não haver ainda no Ceará Estrada de Ferro, pois que o primeiro contracto da Baturité é de 25 de julho de 1870 e a inauguração dos trabalhos só teve lugar a 20 de janeiro de 1872; segundo porque, mesmo depois de sua construção, não se podia ir áquella zona por nenhuma de suas Estações.

Comprou simplesmente um escravo para acompanha-lo, e quatro burros para montaria e cargas, e seguiu incognito pela antiga estrada da Imperatriz.

Era muito no começo do anno e o inverno mal começára. Viagem morosa, por uma estrada cheia de voltas, que naquelle tempo se dizia de trinta leguas para o Arraial, com descanços e pernoites em ranchos certos, em alimarias adquiridas com a pressa de quem não pode esperar.

Chegou ao Arraial para subir a serra, donde já se retiravam os donos de sitios para as suas fazendas no Aracaty-assú.

Coincidiu que deixando o seu sitio do Engenho, no Mundahú, vinha descendo a serra a Senhora Dona Mariana Paz, que ia para a sua fazendola do Boqueirão, e, justamente, ao sahir na estrada que leva do Arraial para Aracaty-assú, passando por S. Francisco, no lugar Cruz das Almas, encontraram-se os dois, — elle com o seu escravo, e ella acompanhada do genro, Marciano, e dos filhos, dos quaes elle tivera apenas vagas noticias, na sua passagem pelo Arraial.

Diz a tradição que não se reconheceram, e apenas se olharam numa saudação ligeira, quando Marciano dissera para a sogra: "D. Mariana, se há João Gabriel no mundo, é aquelle velho".

Foi então que ella voltou e deram-se a conhecer com muita surpreza para ambos.

Dahi seguiram para o Mundahú, onde a noticia da chegada de João Gabriel foi um verdadeiro acontecimento.

Tentar descreve-lo agora, depois de mais de sessenta annos decorridos, seria embrenhar-me num mundo de fantazias; a surpreza, já de si extraordinaria, daria motivos para grandes festas e commentarios, mas ella vinha accrescida da circumstancia especial de ter o nosso heróe regressado rico, de uma riqueza que a imaginação daquelle povo modesto, habituado, naquella epocha, ás pequenas fortunas da terra, logo qualificou de fabulosa e nababesca.

Esses detalhes encontrei-os ainda commentados pelos parentes e contemporaneos, e a aventura de João Gabriel transformada em romance, a que se apegou Napoleão Ribeiro, naquelle seu citado livro, deturpando-lhe as circumstancias, confundindo nomes e lugares, datas e figuras, até mesmo cahindo no engano de dar a João Gabriel o titulo de commendador, que elle só veio a ter muito posteriormente.

Como se vê, é sem fundamento a asserção de ter elle deixado a filha no berço e te-la casado no seu regresso. Quando elle partira já ella contava 3 annos de idade, e quando regressou, com 22 de ausencia, já a encontrou casada, havia 6 annos.

O segundo filho, José Mariano, é que ficára com poucos dias de nascido, o que é facil de deprehender dos termos de sua segunda carta, escripta á mulher, quando se refere aos parentes, dando á filha o tratamento gracioso de "Senhora Dona", e a este o de "meu innocente filho".

A demora de João Gabriel no Ceará foi apenas de alguns mezes. Amparou a familia, auxiliando aos irmãos e cunhados que o procuraram.

Comprou em Sobral, a D. Luiza, que me parece era a viuva do Dr. João Fernandes de Barros, paes do Dr. José Julio de Albuquerque Barros, as fazendas de Santa Maria, Valentim, Touro e Cruz das Almas, no Aracaty-assú, e situou-as com 1.005 cabeças de gado vaccum, compradas a José Balbino, alem de outras acquisições feitas a diversos.

As fazendas custaram-lhe 30.000$000, que naquelle tempo representavam uma fortuna.

Alem destas comprou a Caminhadeira, celebre fazenda que deu o nome ao famigerado Vicente Lopes Vidal de Negreiros, conhecido por Vicente Lopes da Caminhadeira, o valente e sagasissimo antagonista dos Moirões, tão decantados na historia criminal do Ceará.

Retornou ao Amazonas no mesmo anno, conduzindo consigo uma verdadeira caravana, de parentes e aggregados, alem da familia e seus velhos progenitores, dos quaes alguns por lá se ficaram de uma vez, como seu pae, José Gabriel de Mello, que falleceu em 1877, no seringal Bem Posta, no Alto Purús, pouco acima da bocca do Acre. Outros ainda voltaram ao Ceará, iniciando-se, por intermedio delles, o grande movimento de emigração que se incrementou depois da grande secca de 1877 para a Amazonia. Sua mãe, D. Roza Maria, regressando depois de viuva, ficou-se no seu sitio do Mundahú, onde falleceu.

Dando noticia de seu regresso, ha no Relatorio do Presidente João Wilkens de Mattos, de 25 de março, de 1870, (Amazonas. Rel. Vol. III pag. 771) a seguinte referencia, que elucida perfeitamente o caso:

"Do Ceará, o cidadão João Gabriel de Carvalho e Mello trouxe uma colonia de 53 cearenses, para o rio Purús. Chegou a este porto á bordo do vapor Madeira, no dia 4 de Outubro (1869). Sendo este um

bello esforço daquelle cidadão, que procura alargar os horizontes da industria extractiva em que se emprega ha muitos annos, prestei-lhe todos os auxilios para facilitar o transporte da colonia ao seu destino."

Eis ahi o attestado, em documento official, do que foi João Gabriel como explorador e povoador do Rio Purús, do seu esforço "ha muitos annos empregado para alargar os horisontes da industria extractiva", a que a Amazonia deveu a sua grande prosperidade, infelizmente em actual decadencia.

Essas 53 pessôas, que o acompanharam, eram todas de Uruburetama, seus parentes na maior parte.

Dellas conheci ainda muitas nas minhas viagens pelo Purús; proprietarios de muitos seringaes, já muito velhos, aclimatados, alguns com grande prole, filhos já da terra que adoptaram, mas todos cearenses pelo coração e pela saudade da patria nativa e de origem, das suas serras e do seu sertão, de viver e custumes tão diversos, tão infeliz nas suas calamidades climatericas, mas sempre bôa e attrahente, a melhor do mundo, na imaginação dos seus filhos auzentes.

João Gabriel foi o grande explorador e povoador do Purús e do Acre, a cuja foz só chegou a 3 de Abril de 1877, a bordo da lancha Anajaz, commandada pelo piloto Simplicio Gonçalves.

Todos os seringaes, explorados, por elle e seus companheiros, desde Tauáriá, iam sendo povoados por cearenses, que desde aquella sua primeira viagem, seguiam o seu caminho, levados pelos que regressavam, annualmente, á terra do berço e retornavam com novos companheiros.

A sua benemerencia mereceu do governo uma commenda que elle ostentava com desvanecimento. Isto creio que em 1882, quando exercia cargos politicos na Labrea, por influencia do seu grande amigo coronel Rodrigues Labre, que era então deputado provincial no Amazonas. Quando este, em 1872,

era presidente da camara daquella villa, João Gabriel era agente fiscal, com exercicio em Tauariá como consta dos relatorios citados.

Ao seu nome não tem sido feita a devida justiça. Outros, de menor actuação daquelle tempo, chefiando faceis e rendosas commissões officiaes na exploração do Purús, na descoberta de suas nascentes, e na demarcação de limites com as republicas visinhas têm o seu na historia. Delle, que era um modesto heróe, á mercê do seu proprio esforço, mal se fala para lembrar-lhe o episodio romantico de sua fugida do Ceará e deturpar-lhe a personalidade e os feitos, dando-lhe a responsabilidade de um erro ridiculo, de que nasceu o nome do rio de que elle foi o primeiro povoador.

A origem desse nome, deturpação grosseira de Aquiry, seria de certo de algum de seus companheiros, talvez do proprio Alexandre de Oliveira Lima, o decantado Barão da Bocca do Acre, se é que elle sabia garatujar o nome, ou de alguem que lhe servia de guarda-livros, como conheci ainda muitos no Acre, que mal o assignavam e se intitulavam como taes.

João Gabriel, rico e Commendador, viveu o resto de seus dias no seu seringal Tauariá, onde faleceu a 8 de fevereiro de 1895, aos 75 annos de idade. D. Mariana Paz, sua viuva, regressando ao Ceará, só veiu a morrer 14 annos depois, no seu sitio Mundahú, na Uruburetama, a 18 de setembro de 1909.

De sua filha Antonia Paz não ficou prole.

José Mariano, o segundo, casou no Purús com D. Maria da Gloria Frota, filha de Manoel Miguel da Frota, natural de Sobral e Bernardina Alves da Frota, de Maranguape. Isto no anno de 1889.

Tiveram 6 filhos e residiram na fazenda Santa Maria, que lhe doára seu pae e onde elle faleceu na

idade de 52 annos, a 25 de Setembro de 1899. D. Maria da Gloria, a quem conheci no Arraial, no sitio S. João, onde residiu por algum tempo, já casada em segundas nupcias, deixou tambem 6 filhos deste ultimo matrimonio, e veio a falecer a 25 de março de 1912.

Seu segundo marido, Felix Paz de Avila, seu primo, era filho de João Antonio Paz de Avila, das Imburanas, irmão de Mariana; faleceu viuvo a 6 de junho de 1915.

O seringal Tauariá, no Purús, pertence ainda aos descendentes de João Gabriel, que tem lá o seu tumulo erigido pela familia.

Na Uruburetama a sua parentella é imensa, e entre ella o seu nome é rememorado como o de um grande benfeitor da familia, ao contrario do de sua mulher, que deixou tradicção de uzuraria e egoista. No seu testamento, desta, feito em São Francisco, a 5 de junho de 1905, deixou ella a terça de sua herança ao irmão Joaquim Paz de Avila, o que ocasionou uma demanda da parte de seus herdeiros, que a denunciaram como demente, testando com mais de oitenta annos. Uma junta medica deu-lhe ganho de causa e os herdeiros foram espoliados, como se vê do inventario, feito em Junho de 1900, no cartorio de São Francisco.

Ficam ahi essas notas, veridicas e documentadas, que servirão para rectificar enganos e fantasias, deturpando a figura desse heróe obscuro, mas autentico, modesto e simples, que foi o iniciador dessa obra grandiosa e infeliz, verdadeira odisséa do cearense humilde e flagellado, na terra opulenta da illusão e dos desenganos.